
“Professor, o senhor gosta de mulher?”: as *performances* e as performatividades de professores *gays*

Joanderson de Oliveira Gomes¹

 <https://orcid.org/0000-0001-9642-0090>

Joseval dos Reis Miranda²

 <https://orcid.org/0000-0002-0713-0110>

Resumo

Apresentam-se, neste artigo, as narrativas docentes de dois professores *gays* atuantes na cidade de Mamanguape, PB. O objetivo consiste em estudar as *performances* desenvolvidas por eles no espaço escolar bem como os seus trânsitos dentro dos muros educativos. Tomou-se, como opção metodológica, a pesquisa narrativa, e, para geração de dados, foram realizadas entrevistas com os professores. Os resultados do estudo sinalizaram para um espaço educativo ainda vinculado aos padrões heteronormativos, mas atravessado por movimentos de rupturas, como a presença, em seu interior, dos docentes *gays*, que, ao desenvolverem suas *performances* dentro dos muros escolares, podem construir discursos outros, capazes de romper com os estereótipos socialmente difundidos sobre as homossexualidades.

Palavras-chave: Professores *gays*; Espaço escolar; *Performances*; Homossexualidades.

Teacher, do you like women?: the performances and performativities of gay teachers

Abstract:

In this article, we present the teaching narratives of two gay teachers, working in the city of Mamanguape - PB. Our objective is to infer about the performances developed by them in the school space, and how they have transited within the educational walls. We took narrative research as a methodological option and for data generation interviews were conducted with teachers. The results of the study pointed to an educational space still linked to heteronormative standards, but crossed by movements of rupture, such as the presence of gay teachers in its interior, who, when developing their performances within the school walls, can build other discourses that break with the socially widespread stereotypes about homosexuality.

Keywords: Gay teachers; School space; Performances; Homosexualities.

¹ Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, joandersonoliveira@hotmail.com

² Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, josevalmiranda@yahoo.com.br

Considerações iniciais

A forma como nos constituímos professores(as) é atravessada por diversos fatores advindos do nosso espaço de atuação e das relações que vamos construindo com nossos pares e com nossos(as) alunos(as). Conforme argumenta Freire (1991), é na prática que nos tornamos professores(as). Desse modo, a formação docente rompe a dimensão estritamente profissional e relaciona-se também com o nosso eu pessoal e com a maneira como exercemos a docência. A homossexualidade, por exemplo, pode se configurar como um diferencial, em relação a docentes heterossexuais, na forma como o professor assumirá determinadas *performances*, o que se dá a partir das exigências e das possibilidades do seu local de inserção.

Nessa direção, tomamos a narrativa de dois professores que se autodeclaram *gays* e atuam na cidade de Mamanguape, PB. Nosso objetivo geral consiste em estudar, a partir das narrativas docentes, as *performances* desenvolvidas por eles no espaço escolar. Como objetivos específicos, apresentamos os seguintes: a) analisar o trânsito da homossexualidade e como a escola tem lidado com as questões dos gêneros e das sexualidades; e b) depreender as estratégias assumidas pelos docentes ao adentrarem os muros escolares.

Este trabalho é fruto de uma dissertação que analisou as narrativas e vivências de seis professores *gays*. Para a realização deste dossiê, traremos as falas de dois desses professores. O primeiro é o Professor Tiago, 26 anos, que há cinco tem atuado como docente e é licenciado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Ensino São Judas Tadeu. O segundo, o Professor Alef, tem 28 anos e há dez dedica-se à educação. Ele é mestre e licenciado em Matemática pela Universidade Federal da Paraíba. Ambos os nomes utilizados neste estudo são fictícios, de modo a preservar as identidades pessoais.

A docência implica, aos(às) professores(as), uma série de desafios diários que são inerentes ao exercício de ser educador(a), questões essas que independem da sexualidade ou

do gênero. No entanto, esses campos passam a ser determinantes quando os sujeitos transitam fora da normatividade de gênero e dos padrões da heteronormatividade, os quais pressupõem a heterossexualidade como modo normal de ser e como regra a ser seguida por todas as pessoas.

A esse respeito, pesquisas desenvolvidas por França (2014, 2019), Gomes (2018) e Oliveira Neto (2019), por exemplo, evidenciam esse cenário educativo e como ele organiza as questões dos gêneros e das sexualidades, privilegiando, via de regra, a heterossexualidade em detrimento das demais formas – o que tem tornado o ambiente educativo um dos espaços mais difíceis para que pessoas homossexuais se afirmem como não heterossexuais (LOURO, 2019).

Antes de prosseguirmos é importante salientarmos o uso do termo “gêneros e sexualidades” no plural: realizamos essa escolha por entendermos que são designações amplas e diversas que fazem referência a maneiras múltiplas de como as pessoas podem se identificar no espaço social. Frente aos estudos depreendidos nesse campo (JUNQUEIRA, 2022; LOURO, 2019; MISKOLCI, 2020, entre outros), vemos como uma escolha assertiva grafar os termos desse modo, com a propositura de demarcar e evidenciar a diversidade.

Retomando a discussão do parágrafo anterior, a respeito do privilégio social do qual a heterossexualidade é detentora, o fato é também alertado por Junqueira (2022), quando expõe o pânico moral criado em torno das sexualidades não heterossexuais, ou seja, a ideia de que promover a discussão sobre esses assuntos implicaria diretamente a destruição do arranjo familiar heterossexual e o ataque à inocência das crianças, que passariam a ser vítimas de uma espécie de doutrinação homossexual, principalmente na instituição escolar. Para esses grupos, contrários ao respeito e à valorização das diversidades, é preciso reivindicar os princípios de normalidade que se fixam nos ditames da heteronormatividade.

Nessa direção, Miskolci (2020, p. 35) elucida que “[...] na vida social, mas sobretudo na escola, aprendemos as formas coletivamente esperadas de ser por meio da perseguição às maneiras de agir e serem rejeitadas socialmente”. Para Butler (2022), é dentro desse contexto que algumas vidas se tornam não vivíveis. Isso porque são as normas sociais que separam os humanos dos não humanos, que marginalizam as vidas não heterossexuais e as relegam a lugares subalternizados dentro do espaço social. É nessa perspectiva que nos debruçamos

sobre as narrativas de docentes *gays* com a proposta de ouvi-los falar sobre as suas experiências e como têm lidado com as questões dos gêneros e das sexualidades dentro dos muros educativos.

Histórica e culturalmente, temos construído modos pré-concebidos do que é ser homem no espaço público. É comum que, desde a mais tenra idade, meninos ouçam frases do tipo: “fale grosso”, “homem não chora”, “menino não brinca de boneca”, entre tantas outras que poderíamos citar. Essas frases são normativas, estratégias reguladoras de gênero que visam direcionar os corpos a padrões de masculinidade que são socialmente aceitos como corretos e esperados (CONNELL, 1995).

Tal discurso indica uma ação, e ela parte de uma “autoridade”, ou um campo de poder, que institui legitimidade ao que é dito e dá condições para que esse discurso seja amplamente aceito. Para Butler (2019, 2020a, 2020b), tanto o gênero quanto a sexualidade se constituem e se materializam a partir de atos performativos que dizem sobre os comportamentos que devem ser assumidos pelo ser humano. Assim, quando se diz “homem não chora”, estão sendo instituídos, dentro de campos discursivos de saber e poder (SILVA, 2015), elementos que se julgam intrínsecos ao ideal de homem heterossexual, os quais são repetidos e (re)afirmados diariamente.

Tomamos performatividade com base em Butler (2019, 2020a) e a entendemos aqui como o conjunto de ações, afirmações e direções que socialmente se difundem com a proposta de afetar a todos(as) dentro da vivência social. No que concerne aos gêneros e às sexualidades, existe uma performatividade que os direciona a um padrão heterossexual. No entanto, como os(as) indivíduos(as) performam à revelia desse padrão, podem romper com a lógica esperada. É nesse sentido que acionamos o conceito de *performance* e compreendemos esse conceito como ações que efetivamente as pessoas realizam a partir dos discursos reiterativos de que são alvo. É esse modelo performativo, construído por ações reiterativas e repetidas incessantemente, que a autora entende por performatividade.

A partir dessa reflexão, Borba (2014) afirma que as nossas *performances* de gênero só encontram possibilidade de ocorrer, dentro de um cenário discursivo, atravessadas por constrangimentos que visam coibir a ação dos(as) sujeitos(as). Ou seja, não ocorrem

livremente: elas se defrontam com os discursos que advogam o direito e a primazia de uma heterossexualidade compulsória: “Performatividade não é performance: a performatividade é o que possibilita, potencializa e limita a performance” (BORBA, 2014, p. 450).

Metodologia

Em vista das demandas oriundas deste estudo, tomamos, como opção metodológica, a pesquisa narrativa. Conforme aponta Souza (2006), esta configura-se como uma prática de investigação que oportuniza à pessoa investigada refletir sobre a sua narrativa, que, antes de ser dita, é analisada e selecionada entre as suas próprias memórias. No entendimento do autor, pesquisas dessa envergadura configuram-se como relatos (auto)biográficos e fazem com que pesquisador e pesquisado se encontrem através das memórias e histórias narradas.

Nos diálogos estabelecidos com os professores participantes deste estudo, podemos inferir, a partir da análise de suas memórias, as singularidades que incidem sobre suas *performances* no âmbito educativo; a forma como eles vivenciaram (e vivenciam) o ser professor e *gay*; e o espaço educativo que temos e como as questões de gêneros e de sexualidades adentram os seus muros e afetam os(as) seus(suas) profissionais.

Ao refletir sobre a pesquisa narrativa, Abrahão (2003) evidencia que, no método (auto)biográfico, a narração constitui-se entre pesquisador e entrevistado, de modo que o eu pessoal e o eu social estão em constante diálogo nas experiências ali rememoradas nas linhas permitidas pela memória, elemento indispensável em estudos que tomem por base a narrativa. Para Sousa e Cabral (2015), no trabalho com memórias o(a) indivíduo(a) aciona uma série de atravessamentos que o(a) marcaram de diversos modos, e que dizem sobre contextos históricos e culturalmente situados que nos permitem inferir as relações que ali se estabelecem. Entendemos que não se trata de verdades encerradas e acabadas, mas fragmentos preservados pela narrativa, o que gera a reflexão.

Para geração dos dados, foram realizadas entrevistas³ com os professores a partir de um roteiro norteador que visava apenas fomentar a discussão e a fala dos docentes, para que

³ As entrevistas foram realizadas em setembro de 2022; os trechos aqui utilizados são oriundos delas.

pudessem falar livremente sobre as suas experiências e a forma como vinham (vêm) transitando no âmbito educativo e nas relações estabelecidas com os seus pares.

Os professores *gays*: estabelecendo diálogos e tecendo reflexões

Nosso primeiro entrevistado foi o Professor Tiago, que conversou conosco através da plataforma *Google Meet*⁴, sugerida pelo próprio docente para facilitar nossa comunicação sem que ele precisasse se expor no espaço público, já que poucos sabem que ele é *gay* – e, como uma forma de se proteger de possíveis discriminações, ele prefere manter tudo como está. Ao falar sobre a sua sexualidade, ele nos diz:

É aquela coisa, a gente meio que sabe, mas a gente não quer aceitar. Tem muito isso, né, devido à formação familiar, o estereótipo da sociedade, enfim. Mas, aí você mesmo que vai sentindo, você vai observando seus comportamentos, seus gostos, suas preferências. Até um certo ponto que você começa a perceber que tem alguma coisa ali diferente dos que as pessoas dizem, né, do que deveria ser. Começa a perceber de fato esse perfil que não é o perfil que a sociedade idealiza para uma pessoa do sexo masculino. (Professor Tiago)

Ao iniciar sua narrativa, o Professor Tiago já evidencia a compreensão de que existe, no espaço social, um modelo de masculinidade idealizado e que é cobrado dos sujeitos que, desde o nascimento, foram classificados como do sexo masculino. Existe uma performatividade que reiteradamente é reforçada no espaço social e direciona os corpos a esses moldes esperados. Para Miskolci (2020, p. 35), “[...] na esfera do desejo e da sexualidade, a ameaça constante de retaliações e violências nos induz a adotar comportamentos heterossexuais”. Esse é o caso do Professor Tiago, que parece se autorregular para que não percebam ou questionem a sua sexualidade:

É meio que uma proteção para mim e para as pessoas que estão ao meu redor, na verdade ainda é meio que um tabu familiar [...]. Eu já tive vontade de contar, mas aí, de um tempo para cá, eu tenho tido um pensamento do tipo assim: que a vida é minha, eu acho que ninguém para e diz assim, eu sou

⁴ *Google Meet* é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google*. Disponível em: <https://apps.google.com/meet/> Acesso em: 12/06/2023.

hétero. Por que eu tenho que anunciar? Se chegar o momento de eu dizer, eu sou assim, beleza, mas se não, está dando para sobreviver.

Em sua narrativa, o Professor Tiago toca em uma questão que julgamos muito importante e necessária na escrita de trabalhos que versem sobre o campo dos gêneros e das sexualidades: a problemática que envolve o ato de falar publicamente que não se é heterossexual. No sentido político, é extremamente relevante que o façamos, mas não como uma obrigação ou cobrança, afinal, como mencionado pelo professor, a heterossexualidade não sofre com esses condicionamentos.

A esse respeito, Seffner (2013, p. 158) alerta que, em sua maioria, são aqueles(as) que não se percebem alinhados(as) aos padrões heterossexuais que devem falar e se justificar, dizer sobre si e de quem gostam; “[...] já os ‘normais’ não precisam falar, e poucos se preocupam em problematizar a norma de gênero, a heteronormatividade”. Ora, se tomamos as sexualidades como construções históricas, culturais e sociais, é preciso tensionar a “norma”, desestabilizá-la. Precisamos também fazê-la falar, pois, do contrário, estaremos de acordo com o discurso que institui a sua normalidade em detrimento das demais sexualidades.

Conforme Eribon (2008), o homossexual é alguém que, em determinado momento da sua vida, vai precisar tomar a decisão de contar ou não o que ele é, decisão esta que não compõe as vidas heterossexuais, uma vez que, dentro do espaço público, presume-se que todos(as) sejam heterossexuais. Partindo desse ponto, ser homossexual singulariza as vidas docentes *gays*, de modo que o seu percurso dentro do âmbito educativo pode ser marcado por sua sexualidade. Ele não será apenas o professor, mas o professor *gay*.

Percebemos essa singularidade mesmo na fala de professores que assumem publicamente sua sexualidade. Se, por um lado, temos docentes que preferem não anunciar publicamente sua homossexualidade, tomando como prerrogativa as cobranças heteronormativas, os professores que verbalizam o que são o fazem a partir do mesmo local. Entretanto, tomam a ação de falar como perspectiva política e, frente às normativas heterossexuais, visam construir rupturas em um cenário que enaltece a heterossexualidade e a celebra como a única sexualidade “correta”.

Ressaltamos ainda que, ao tensionarmos essas questões, não estamos afirmando que exista uma obrigatoriedade e que os professores devam falar sobre as suas sexualidades no

espaço educativo, como se a eles fosse negado o direito à privacidade. A crítica que objetivamos tecer consiste no fato de o ato de assumir-se apresentar-se como uma decisão que inevitavelmente esse docente precisará tomar, ao passo que docentes heterossexuais não precisam se preocupar com ela, nem no âmbito escolar tampouco fora dele. Tais nuances delineiam as estruturas heteronormativas que perpassam o espaço educativo, assim como os demais espaços sociais, os quais, dia após dia e por meio de atos performativos, reiteradamente instituem as normas e regulações de gênero que afetam a todos(as) (BUTLER, 2022).

O Professor Alef é um desses exemplos. Ao longo do seu exercício profissional, ele vem buscando se afirmar como docente e *gay*, uma vez que sua sexualidade não está apartada do seu trabalho, mas relaciona-se com ele e atravessa os muros escolares constantemente. Ele começa sua narrativa contando como o seu performar no espaço educativo sempre foi questionado por seus pares, fato que o impulsionou a afirmar-se e dizer sobre sua homossexualidade:

[...] ficava querendo me expor na frente dos colegas [se referindo à diretora, à época em exercício, na escola em que trabalha], como se ela pensasse que eles não soubessem da minha orientação, aí ela procurava um momento ali, uma ocasião para expor a minha vida sexual, e eu sempre deixei claro para ela e para os demais. E aí ela entendeu, querendo ou não, depois disso, desse comentário que ela fez, que eu não me lembro qual foi, mas foi bem pejorativo, aí depois dessa situação ela parou. (Professor Alef)

Outras situações além dessa nos foram narradas pelo Professor Alef, que inclusive chegou a ser acusado de ter transformado um de seus alunos em *gay*:

Eu trabalho com os alunos e sempre tem projetos de dança. Aí uma mãe de um aluno disse que eu influenciei o filho dela a ser gay por ele dançar. Ela chegou na escola e disse que não queria que o menino fizesse parte, porque ele era uma pessoa normal, segundo ela, a partir do momento que ele fez parte do grupo de dança ele tornou-se gay. Na visão dela, eu fui o influenciador disso.

A reação dessa mãe alinha-se ao que Miskolci e Campana (2017) compreendem como pânico moral, no qual se difunde uma ideia que impõe medo aos(às) demais indivíduos(as).

Esse pânico moral citado pelos autores é fruto do discurso depreendido por segmentos e grupos fundamentalistas e conservadores a respeito da Ideologia de Gênero, que, conforme seus idealizadores, *grosso modo*, visa acabar com os princípios da moralidade e transformar crianças em futuros homossexuais (JUNQUEIRA, 2022).

Nessa direção, Balieiro (2018) entende que a consolidação desse pânico moral visibiliza uma forte oposição a políticas que promovam o respeito e a valorização das diferenças sobre os gêneros e as sexualidades. A reação da mãe mostra as nuances do que esses discursos, histórica e culturalmente situados, fomentaram no espaço social a respeito das homossexualidades: algo contagioso e que, se não for tratado, evitado e cuidado, pode ser transmitido às próximas gerações (TREVISAN, 2018).

Tentando se proteger de embates dessa conjuntura, o Professor Tiago transita dentro dos muros do anonimato e performa as suas ações nos padrões esperados para alguém classificado como do sexo masculino. A esse respeito, ele diz: *“acredito que o meu transitar tem sido bem próximo do linear, do corriqueiro. Muitas ações externas dos órgãos superiores contribuem para que não saíamos da ‘caixa’”* (Professor Tiago). As ações mencionadas pelo Professor Tiago dizem sobre a performatividade de gênero que está posta no espaço social e que insistentemente revoga a norma, potencializa discursos do permitido e do proibido e visa perpetuar os ideais de masculinidade que historicamente a humanidade vem fundando.

Sob essa ótica, ser homem implica uma série de demandas que reivindicam princípios de normalidade naturalizados nas relações construídas em nossos cotidianos, as quais definem, a partir de uma perspectiva biológica, como os indivíduos devem portar-se no espaço social. Conforme argumenta Bola (2020), essas demandas tendem a limitar o permissível à figura masculina e rejeitar que homens transitem próximos daquilo ao que historicamente se atribuiu ao sexo feminino.

Nessa perspectiva, Eribon (2008, p. 66) evidencia que muitos homossexuais tendem a desenvolver outros comportamentos no âmbito profissional, “[...] passando de um tipo de gestualidade ou de atitude a outro, conforme as exigências da situação”. Desse modo, esses sujeitos performam seus gêneros e sexualidades dentro dos moldes da heteronormatividade, a fim de evitar transtornos, preconceitos e discriminação em seu ambiente de trabalho.

O Professor Alef, por sua vez, vem optando por afirmar sua sexualidade dentro dos muros escolares e busca exercer ações que, por ele ser um homem, lhe são negadas, como, por exemplo, fazer parte da banda marcial da escola, ato que quase custou seu emprego:

[...] foi o próprio gestor que não queria que eu lecionasse e, ao mesmo tempo, fizesse parte de uma banda marcial. Aí ele pediu para eu escolher entre o emprego e dançar e eu disse que iria dançar e se fosse para eu perder o emprego, que eu sairia. Mas aí foi levado para um superior e deu tudo certo, eu permaneci dando aula e participando da banda, da quadrilha. Era uma questão pessoal dele comigo, que ele não queria, ele não aceitava, ele era homofóbico, na verdade. Então, não queria ver a imagem dele, diretor, “manchada” por eu fazer parte da equipe docente e, ao mesmo tempo, estar em uma banda marcial, que ele dizia que era algo depravado e que manchava a reputação da escola e dos professores de modo geral.

Em sua fala, o Professor Alef demarca a forma como a heterossexualidade e as visões limitadas de masculinidade humana tornam o ambiente educativo um espaço no qual a heteronormatividade tende a ser celebrada e, por vezes, imposta como regra que não deve ser questionada, mas seguida. São esses discursos – e as muitas maneiras como cotidianamente eles são apresentados, formatados e compactados – que dizem sobre a performatividade de gênero.

De acordo com Borba (2014), é a performatividade que potencializa e restringe as *performances* possíveis de serem realizadas pelos(as) indivíduos(as). Podemos perceber essa realidade nas duas narrativas analisadas: um professor transita dentro dos muros do anonimato ao passo que o outro opta por verbalizar sua sexualidade e afirmá-la no espaço social. Em termos foucaultianos, nas nuances que perpassam as relações de poder entre instituição e professor, existe a resistência, a construção de fugas e caminhos outros que são possíveis (FOUCAULT, 2015).

Ao nosso ver, a resistência ocorre nas duas realidades. O professor que oculta sua sexualidade está resistindo dentro das suas possibilidades; mesmo não verbalizando o fato de ser homossexual, ele continua sendo um corpo *gay* dentro dos muros escolares. Já o docente que verbaliza ser *gay* age de forma política, tenciona produzir reflexões e constrói rupturas nos discursos que se apresentam como verdades absolutas e celebram a heterossexualidade como a única possibilidade de sexualidade humana.

Esse trânsito de professores *gays* no espaço educativo não desperta os olhares apenas dos seus pares; seus(suas) alunos(as) cotidianamente os olham e analisam e fazem perguntas, não apenas sobre os conteúdos curriculares, mas também sobre as vidas pessoais dos docentes:

Os alunos perguntaram: professor, o senhor gosta de mulher? Foi no nono ano, eu lembro bem, foi em 2017. E aí eu deixei bem claro essa questão de gostar: eu disse que não, que eu gostava de homem e era normal, porque o amor a gente não escolhe quem a gente ama. E aí eu sempre tive uma boa conversa com os meus alunos. Alguns professores e o próprio diretor não gostavam da relação que eu tinha com eles, por a gente sempre ter um diálogo, mas os alunos sempre me respeitavam. Até hoje eu tenho contato com os meus alunos [...]. Eu não hesitei em falar sobre a minha homossexualidade, foi tranquilo [...], eu acho que foi importante porque aí eles entenderam e, após isso, não teve nenhum comentário a respeito, ou parar a aula para interromper, questionar alguma coisa. (Professor Alef)

Em sua fala, o Professor Alef evidencia a curiosidade que o corpo *gay* desperta naqueles(as) que o cercam. Uma pergunta como a que lhe foi direcionada, possivelmente, não seria feita a um professor heterossexual. Estar no espaço educativo, como professor e *gay*, é infringir a norma mesmo quando essa sexualidade não é verbalizada, tendo em vista que não há obrigatoriedade em fazê-lo. Esses corpos *gays* transitam dentro do espaço educativo, geram dúvidas, provocam o pensamento, “[...] de um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada. Extraviam-se. Põem-se à deriva” (LOURO, 2020, p. 19). Esse corpo, tido como estranho, diferente e, por vezes, anormal, gera incômodos, pressiona as regulações de gênero e provoca fissuras dentro de um cenário onde ser *gay* tende a ser um desafio.

Considerações Finais

Ao nos debruçarmos sobre as narrativas docentes de professores *gays*, somos confrontados com uma série de situações que ainda exercem muita cobrança sobre eles. Os dois docentes com quem dialogamos apresentam, em suas falas, um ambiente educativo no qual a heterossexualidade ainda possui lugar privilegiado, mas suas lembranças evidenciam ainda as rupturas possíveis de serem construídas pelas *performances* desenvolvidas.

Seja por meio do silêncio ou da afirmação de quem se é, termos corpos *gays* nos espaços escolares oportuniza construirmos discursos outros, potentes, e que rompem com visões estereotipadas da homossexualidade – como vemos no exemplo dos(as) alunos(as) que, ao indagarem o professor se ele gostava de mulher ou não, ficaram tranquilos(as) com a resposta sincera e mantiveram com ele uma relação de respeito e afeto, ao contrário do que se difunde nos grupos mais conservadores, que propagam um verdadeiro pânico moral em nossa sociedade.

O lugar ocupado pelos corpos *gays* dentro dos muros escolares – e também fora deles – ainda se configura como um lugar de tensões e conflitos, olhares enviesados, convites a um padrão de normalidade que tem por base um modo de vida heterossexual, tecido em contextos culturais e sociais que continuam sendo evocados nas relações que se estabelecem na escola. Um exemplo é o do diretor que não aceitava que um de seus professores fizesse parte de um grupo de dança, por não ver tal atitude como algo adequado a alguém do sexo masculino.

Essas posições, assumidas pelos(as) indivíduos(as) que vão de encontro aos docentes *gays*, fazem com que eles, docentes – dentro de suas realidades e possibilidades –, adotem *performances* diversas, que de algum modo os permitam transitar de forma mais tranquila e potente, construindo assim discursos outros dentro da teia social na qual todos(as) estamos imersos(as).

A pesquisa sinaliza ainda para a importância de desestabilizarmos a normalidade com a qual a heterossexualidade vem sendo compreendida, histórica e culturalmente, ou seja, como algo dado e que deve ser seguido por todas as pessoas – o contrário constitui-se como anormalidade. Fazer a norma falar, trazê-la também para o centro das nossas discussões, é um passo importante na compreensão de que os gêneros e as sexualidades não estão postos ou dados no espaço social de forma pronta e acabada, mas constituem-se, todos eles, inclusive a heterossexualidade, na cultura e por ela. E, claro, nas relações que historicamente vamos fortalecendo ao longo da existência humana.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, Pelotas, v. 7, n. 14, p. 79-95, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223> Acesso em: 1 mar. 2023.

BALIEIRO, F. F. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 53, p. 1-15, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449201800530006>

BOLA, J. *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. Tradução de Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 43, p. 442-473, jul./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430441>

BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo, 2020a.

BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 151-172.

BUTLER, J. *Desfazendo gênero*. Tradução de Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. São Paulo: Unesp, 2022.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020b.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação e realidade*, Austrália, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725> Acesso em: 1 mar. 2023.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRANÇA, F. G. R. “Eu acho que a minha identidade de professora é homossexual”: narrativas e experiências de professor@s homossexuais. 2014. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FRANÇA, F. G. R. “Você é viado? Você gosta de homem?”: professores/as homossexuais e o dispositivo da sexualidade na escola. *Educação*, Santa Maria, v. 44, p. 1-18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644436730>

FREIRE, P. *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

GOMES, M. M. G. “Ah, este professor é um bichona, um viadão! Quem se importa com ele?”: um estudo auto-etnográfico da violência homofóbica em uma escola do subúrbio ferroviário de Salvador. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.

JUNQUEIRA, R. D. *A invenção da “ideologia de gênero”*: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 9-42.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>

OLIVEIRA NETO, I. S. de. *Vivências de professores gays e lésbicas no ensino de geografia em escolas do ensino básico*. 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000100010&script=sci_abstract
Acesso em: 3 mar. 2023.

SILVA, M. A. Da performance à performatividade: possíveis diálogos com Judith Butler na antropologia de um festival de cinema. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 3, p. 64-84, maio/out. 2015. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i3.14256>

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, Itatiba, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v33i2.149>

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPICURS, 2006. p. 135-147.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Recebido em março 2023.

Aprovado em maior 2023.